

# tempos de tempestade

saga the witcher / volume IX

andrzej sapkowski

Tradução de Olga Bagińska-Shinzato

Adaptação de Rui Azeredo



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Dos ghouls e fantasmas  
monstros de patas longas  
E das criaturas que vagueiam pela noite,  
Socorrei-nos, ó Senhor!*

Ladainha conhecida como  
«Litania da Cornualha», datada  
dos séculos XIV-XV



## CAPÍTULO PRIMEIRO

*Dizem que o progresso ilumina as trevas. Mas sempre, absolutamente sempre, existirá a escuridão. E na escuridão haverá sempre o mal, haverá sempre caninos e garras, assassínios e sangue, haverá sempre criaturas que vagueiam pela noite, perturbando. E o nosso dever, o dever dos bruxos, é perturbá-las.*  
Vasemir de Kaer Morhen

*Quem tem de enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo para o interior de um abismo, o abismo acabará por olhar para o teu interior.*  
Friedrich Nietzsche, *Além do bem e do mal ou Prelúdio de uma filosofia do futuro*

*Considero uma total idiotice olhar para dentro de um abismo. No mundo há outras coisas muito mais interessantes para serem olhadas.*  
Jaskier, *Meio Século de Poesia*

Vivia apenas para matar. Estava deitado sobre a areia quente, aquecida pelo sol. Sentia as vibrações transmitidas pelas antenas peludas e pelas cerdas apoiadas firmemente sobre o solo. Embora as vibrações permanecessem distantes, Idr percebia-as com nitidez e precisão. Orientando-se por elas, conseguia descobrir não apenas a direção seguida pela presa e a velocidade da mesma, como também o seu peso. Para a maioria dos predadores que caçavam de maneira semelhante, o peso da presa tinha uma importância primordial: esgueirar-se, atacar e perseguir implicava perda de energia, que precisava de ser compensada pelo valor energético do alimento. A maioria dos predadores que agiam como Idr desistia do ataque quando a presa era demasiado pequena. Mas não Idr. Ele não existia apenas para comer e prolongar a espécie, não fora criado para isso. Vivia para matar.

Saiu da cavidade formada por uma árvore tombada, rastejou ultrapassando o tronco putrefacto, em três saltos transpôs as árvores derrubadas pelo vento, perpassou a clareira como um fantasma e lançou-se para o meio do matagal coberto de fetos, afundando-se no mato. Movimentava-se com rapidez e em silêncio, ora correndo, ora saltando como um enorme louva-deus.

Caiu num matagal e colou-se ao solo, encostando lá o exoesqueleto segmentado do abdómen. O solo vibrava com uma nitidez crescente. Os impulsos das vibrissas e cerdas de Idr começavam a formar uma imagem, um plano. Ele já sabia como alcançar a presa, onde lhe cortar o caminho, como forçá-la a fugir. Sabia qual deveria ser a extensão do salto para a atacar por trás, caindo sobre ela, e em que altura deveria golpeá-la e cortá-la com as mandíbulas afiadas como uma navalha. As vibrações e os impulsos proporcionavam-lhe a mesma alegria que experimentaria no momento em que sentisse a presa a agitar-se sob o peso do seu corpo, a mesma euforia provocada pelo sabor a sangue quente, o mesmo prazer sentido ao ouvir o grito de dor a rasgar o ar. Tremia ligeiramente, abrindo e fechando as pinças e os pedipalpos.

As vibrações do solo eram muito nítidas e começavam a variar cada vez mais. Idr já sabia que havia mais presas, provavelmente três, talvez até quatro. Duas provocavam na terra um tremor regular. As vibrações da terceira indicavam que a sua massa e o seu peso eram pequenos. Já a quarta presa, se realmente existia, provocava vibrações irregulares, fracas, incertas. Idr enrijeceu, esticou-se e estendeu as antenas sobre a relva, examinando a movimentação do ar.

O tremor do solo indicou, por fim, aquilo que Idr desejava: as presas separavam-se. Uma, a menor, ficou atrás. A quarta, a indistinta, desapareceu. Era um falso alarme, um eco enganador. Idr ignorou-o.

A pequena presa afastou-se ainda mais das outras. O solo tremeu com mais força, cada vez mais próximo dele. Idr esticou as patas traseiras, impulsionou-as e saltou.

A criança gritou de forma terrível. Em vez de fugir, ficou paralisada. E continuou a gritar.

O bruxo lançou-se na sua direção e desembainhou a espada. E percebeu de imediato que algo errado se passava, que fora enganado.

O homem que puxava um carrinho carregado de lenha gritou e, na

presença de Geralt, foi lançado à altura de uma braça. O sangue jorrou copiosamente, salpicando para os lados. Caiu e, logo a seguir, foi lançado de novo para cima, desta vez em dois pedaços que expeliam sangue. Já não gritava. Agora, quem gritava de forma penetrante era uma mulher que, junto da filha, permanecia imóvel, paralisada pelo medo.

Embora lhe parecessem diminutas as probabilidades, conseguiu salvá-la. Lançou-se na direção dela, empurrando-a com ímpeto para o lado, do carrinho para a floresta, onde caiu no meio dos fetos. E de imediato percebeu que também desta vez fora enganado com um artifício. Um vulto cinzento, achatado, múltipede e incrivelmente veloz afastava-se do carrinho e da primeira vítima e dirigia-se para a outra, a criança que continuava a gritar de forma esganiçada. Geralt lançou-se atrás dele.

Se a menina tivesse permanecido parada, ele não teria conseguido chegar a tempo. No entanto, ela mostrou-se lúcida e lançou-se numa fuga desenfreada. Mesmo assim, o monstro cinzento teria conseguido alcançá-la rapidamente e sem grande esforço — alcançar, matar e regressar para assassinar a mulher. E assim teria acontecido se o bruxo não estivesse lá.

Alcançou o monstro e saltou, esmagando uma das suas patas com o tacão do sapato. Se não se tivesse lançado para trás, teria perdido uma das pernas. O monstro cinzento virou-se com impressionante agilidade e as suas pinças em forma de foice cingiram-se, falhando por pouco. Antes que o bruxo conseguisse recuperar o equilíbrio, o monstro saltou e atacou. Geralt defendeu-se com um golpe involuntário, extenso e bastante caótico da espada e afastou-o. Não conseguiu feri-lo, mas repetiu o movimento.

Lançou-se, alcançou-o, cortou-o a partir da orelha e destruiu a carapaça sobre o cefalotórax achatado. Antes que o monstro desorientado tentasse proteger-se, cortou-lhe, com outro golpe, a mandíbula esquerda. A criatura lançou-se sobre o bruxo, agitando as patas, tentando atacá-lo com a mandíbula remanescente como um auroque. O bruxo lacerou-a também. Com um rápido corte inverso, amputou-lhe um dos pedipalpos. E golpeou-lhe uma vez mais o cefalotórax.

Idr finalmente percebeu que corria perigo e necessitava de fugir. Necessitava de fugir, fugir para longe, esconder-se em algum lugar, desaparecer em algum covil. Vivia apenas para matar. E para matar precisava de se regenerar. Precisava de fugir... fugir...

...

Mas o bruxo não permitiu que o monstro escapasse. Alcançou-o, pisou-lhe a parte traseira do tórax, cortou a partir de cima, com ímpeto. Então, a carapaça do cefalotórax cedeu e um espesso sangue esverdeado jorrou da fenda. O monstro agitava-se, as suas patas açoitavam o solo.

Geralt executou um golpe com a espada, desta feita separando por completo a cabeça achatada do resto do corpo.

Respirava com dificuldade.

Ao longe, trovejava. O vento que começara a soprar e o céu que enegrecera rapidamente pressagiavam uma tempestade iminente.

Albert Smulka, o recém-nomeado zupano municipal, já no primeiro encontro com Geralt lembrara-lhe a raiz de um nabo: era rechonchudo, imundo, grosseiro e, de forma geral, pouco interessante. Por outras palavras, não era muito diferente dos restantes funcionários municipais com os quais costumava lidar.

— Parece que é mesmo verdade que um bruxo consegue resolver qualquer problema — comentou o zupano. — Jonas, o meu antecessor, passava a vida a elogiá-lo — retomou ao fim de um momento, mas sem qualquer reação da parte de Geralt. — E, veja lá, eu considerava-o um mentiroso, não acreditava em nada do que ele dizia. Sei como certas coisas acabam por se transformar em lenda. Especialmente quando se trata de um povo ignorante, que a qualquer momento inventa um milagre, uma maravilha, ou aparece com outro bruxo que possui poderes sobrenaturais. E então, de repente, descobre-se que é mesmo verdade. Na floresta, para lá do ribeiro, morreu imensa gente. Mas os burros continuaram a andar por lá, para sua própria desgraça, pois aquele caminho para a pequena cidade é mais curto... Não davam ouvidos aos avisos. Vivemos numa época em que é melhor não andar a deambular pelos ermos ou pelas florestas. Há monstros devoradores de homens por todo o lado. Em Temeria, no Contraforte de Tukai, acabou de acontecer algo terrível: um fantasma silvícola qualquer trucidou quinze pessoas na povoação dos carvoeiros conhecida como Cornada. Deve ter ouvido falar. Não? Mas é a pura verdade, juro pela minha morte. Até os feiticeiros teriam feito uma investigação nessa tal povoação da Cornada. Mas chega de confabulações. Aqui, em Ansegis, estamos seguros, graças a si.

Tirou um estojo de dentro de uma cómoda e estendeu uma resma de papel sobre a mesa. Mergulhou a pena no tinteiro.

— Prometeu que mataria o monstro — disse, sem levantar a cabeça.

— Pelos vistos, não lançou palavras ao vento. Cumpre a sua palavra, apesar de ser um errante... E salvou a vida daquelas pessoas, da mulher e da criança. Pelo menos agradeceram? Caíram-lhe aos pés?

— Não caíram. — O bruxo cerrou o maxilar. — Elas ainda não recuperaram por completo a consciência. E partirei antes que recuperem, antes que percebam que as usei como isco, confiando presunçosamente que conseguiria salvar os três. Partirei antes que a miúda perceba, antes que perceba que, por minha culpa, passou a ser parte órfã.

Sentia-se mal. Certamente por causa dos elixires que tomara antes do embate. Sem dúvida.

— Aquele monstro era um verdadeiro asco. — O zupano despejou a areia sobre o papel e, de seguida, sacudiu este, espalhando-a pelo chão. — Examinei a carniça quando a trouxeram... O que era aquilo, exatamente?

Geralt não sabia exatamente o que o monstro era, mas não queria que o outro percebesse.

— Um aracnomorfo.

Albert Smulka mexeu os lábios, tentando, inutilmente, repetir a palavra.

— Bem, não importa o nome, não quero saber. Matou-o com essa espada? Com essa lâmina? Posso vê-la?

— Não pode.

— Hum... Deve ser uma espada enfeitiçada, e cara... uma raridade... Mas estamos aqui com conversa fiada, e o tempo urge. O acordo foi cumprido, chegou a altura de receber o pagamento. Mas, antes, precisamos de tratar das formalidades. Assine o recibo, ou seja, ponha lá uma cruz ou outro símbolo.

O bruxo ergueu a folha que lhe foi entregue e observou-a contra a luz.

— Vejam só... Isso significa que sabe ler? — disse o zupano, abanando a cabeça e franzindo o sobrolho.

Geralt pousou o recibo sobre a mesa, empurrou-o na direção do funcionário e disse em voz baixa e calma:

— No documento há um pequeno erro. Combinámos a remuneração no valor de cinquenta coroas, e a fatura/recibo foi emitida no valor de oitenta.

Albert Smulka juntou as mãos, apoiando o queixo sobre as mesmas, e falou também em voz baixa:

— Não é um erro. É um gesto de reconhecimento. Matou um monstro terrível, decerto não foi uma tarefa simples... Portanto, ninguém estranhará o valor...

— Não percebo.

— Credo. Não se tente passar por ingénuo. Está a querer dizer-me que o Jonas, quando era o administrador, não emitia faturas desse tipo? Aposto a minha cabeça que...

Geralt interrompeu-o:

— Que...? Que ele faturava os valores em excesso? E repartia comigo metade do que sobrava e empobrecia o tesouro real?

O zupano contorceu os lábios e retrucou:

— Metade? Não exagere, bruxo, não exagere. Alguém até poderia pensar que você é muito importante. Ganhará um terço daquilo que sobrar. Dez coroas. Para si, é até um prémio bastante alto. E eu mereço mais, só pelo cargo que exerço. Os funcionários públicos deveriam ser ricos. Quanto mais ricos forem, tanto maior será o prestígio de um país. Além disso, o que pode saber sobre essas coisas? Já estou a ficar farto desta conversa. Assina o recibo ou não?

A chuva tamborilava no telhado, lá fora caía um aguaceiro. Mas já não trovejava, a tempestade começava a dissipar-se.

## INTERLÚDIO

*Dois dias depois*

**B**elohun, o rei de Kerack, acenou imperiosamente ao dizer:  
— Por obséquio, excelentíssima senhora. Por obséquio. Serviçais!  
Tragam uma cadeira!

O teto da abóbada da câmara era adornado com um fresco no qual um veleiro aparecia entre ondas, tritões, hipocampos e criaturas que evocavam lagostas. Já o fresco que se via numa das paredes mostrava o mapa-múndi. Há já muito tempo, Coral constatara que era um mapa absolutamente irreal, que não representava a verdadeira posição dos continentes e mares. Contudo, era belo e de bom gosto.

Dois pajens trouxeram e acomodaram o pesado faldistório entalhado. A feiticeira sentou-se e assentou as mãos nos braços da cadeira de forma a que as suas pulseiras cravejadas com rubis ficassem bem à vista e não passassem despercebidas. Nos cabelos penteados usava um diadema de rubis, e no decote profundo um colar de rubis. Havia premeditado tudo aquilo para a audiência real. Queria causar uma boa impressão. E causava. O rei Belohun arregalava os olhos. Contudo, não se sabia se era por causa dos rubis ou do decote.

Belohun, filho de Osmyk, era, digamos, um rei de primeira geração. O pai dele fizera fortuna com o comércio marítimo e também com a pirataria marítima. Após ter acabado com a concorrência e monopolizado a navegação de cabotagem da região, Osmyk proclamou-se rei. O ato da coroação

própria, em princípio, formalizara o seu *status quo*, portanto, não provocara grandes objeções, nem gerara protestos. Através de guerras particulares e guerrinhas anteriores, Osmyk solucionou a questão das disputas fronteiriças e jurisdicionais com os vizinhos, Verden e Cidarís. Ficou claro onde começavam e terminavam os limites de Kerack e quem governava essas terras. E, já que governava, então era rei e, portanto, estava autorizado a usar esse título. De acordo com a ordem natural das coisas, o título e o poder passavam de pai para filho, portanto, ninguém estranhou que, após a morte de Osmyk, o seu filho, Belohun, tenha herdado o trono. Na verdade, Osmyk tinha outros filhos, supostamente, mais cinco, mas todos renunciaram à coroa. Um, inclusive, teria feito isso por vontade própria. Assim, Belohun governava em Kerack há já mais de vinte anos e, segundo a tradição da família, lucrava com a indústria naval, o transporte, a pesca e a pirataria.

Por ora, o rei Belohun concedia audiências sentado no trono, sobre um pedestal, trajando um *kalpak* de zibelina e segurando um ceptro na mão, majestoso como um besouro-do-esterco sobre as fezes de uma vaca. Cumprimentou a feiticeira:

— Excelentíssima e estimada senhora Lytta Neyd. A nossa feiticeira predileta honra-nos novamente com a sua presença em Kerack. E presumo que mais uma vez permanecerá aqui por um longo período.

— Os ares marítimos fazem-me bem. — Coral cruzou as pernas de forma provocadora, deixando à mostra uma bota com um salto de cortiça que estava muito na moda. — Com o gentil obséquio de Vossa Majestade.

O rei passou os olhos pelos filhos sentados junto a si. Ambos tinham ombros largos, não sendo minimamente parecidos com o pai, um homem ossudo, musculoso, mas de estatura pouco imponente. Eles mesmos tão-pouco pareciam irmãos. O mais velho, Egmund, era preto como um corvo. Já Xander, apenas um pouco mais novo, era louro, quase albino. Ambos lançavam a Lytta olhares desprovidos de simpatia. Era óbvio que os irritava o privilégio de que gozavam os feiticeiros, de permanecerem sentados junto aos reis nas audiências. O privilégio tinha sido universalmente adotado e não podia ser ignorado por ninguém que pretendesse ser tratado como um ser civilizado. E os filhos de Belohun queriam muito ser tratados dessa forma.

— A gentil permissão ser-lhe-á concedida, mas com certas restrições — anunciou Belohun, falando devagar.

Coral ergueu a mão e olhou ostentadamente para as suas unhas, indicando que não atribuía qualquer importância às restrições de Belohun. O rei não

percebeu a achega. E se por acaso percebeu, conseguiu disfarçar habilmente. Bufou com raiva.

— Chegou aos nossos ouvidos que a estimada senhora Neyd disponibiliza poções mágicas às mulheres que não desejam ter filhos, e aquelas que estão grávidas recebem a sua ajuda para abortar os fetos. E nós, aqui em Kerack, consideramos imoral tal tipo de procedimento.

Coral respondeu secamente:

— Aquilo que é direito natural de uma mulher não pode ser considerado imoral *ipso facto*.

O rei estirou a sua magra silhueta no trono e disse:

— Uma mulher tem direito a apenas dois presentes concedidos por um homem: gravidez no verão e alpergatas de floema fina no inverno. Os dois presentes têm o objetivo de prender a mulher em casa, pois esse é o lugar adequado para ela, que lhe foi predestinado por natureza. Uma mulher com uma barriga grande e a cria presa à sua saia não se afastará de casa e nenhuma futilidade a perturbará. E é isso que garante a paz de espírito ao homem. Um homem cheio de paz de espírito pode trabalhar com tranquilidade para multiplicar a riqueza e o bem-estar do seu soberano. Um homem que trabalha no duro e sem descanso, sossegado com a condição da sua prole, tão-pouco será perturbado por futilidades. E quando alguém convence uma mulher de que ela pode parir quando quer, e que não precisa de parir se não quiser, e quando, para piorar, alguém lhe diz qual o método e o meio a usar, aí, estimada senhora, aí a ordem social começa a sair dos eixos.

— É assim mesmo! É assim mesmo! — intrometeu-se o príncipe Xander, que há algum tempo procurava uma oportunidade para tomar partido.

— Uma mulher relutante em ser mãe, uma mulher que não pode ser aprisionada dentro de casa por causa da barriga, do berço, dos filhos, logo sucumbirá à lascívia — prosseguiu Belohun. — Isso é óbvio e inevitável. Dessa maneira, o homem perderá a paz interior e o equilíbrio do espírito. De repente, algo na sua harmonia anterior irá soçobrar e começará a feder. Ele acabará por descobrir que não existia nenhuma harmonia, nem ordem, sobretudo aquela ordem que justifica a labuta diária, e o facto de eu colher os frutos desta. Tal maneira de pensar constitui apenas um passo até às perturbações, às revoltas, às rebeliões, aos motins. Percebeu, Neyd? Quem dá contraceptivos ou formas de abortar às mulheres destrói a ordem social, instiga revoltas e rebeliões.

— É isso mesmo! Tem razão! — Xander intrometeu-se de novo.

Lytta não dava qualquer importância à atitude de domínio e autoritarismo

de Belohun, pois sabia muito bem que o facto de ser feiticeira a tornava imune. Falar era a única coisa que o rei poderia fazer. No entanto, não tentou, explicitamente, fazer-lhe ver que o reino dele há muito não possuía nenhuma ordem, estava debilitado e fedio, e a única harmonia que os seus habitantes conheciam era um instrumento musical, uma espécie de acordeão. E que misturar nisso as mulheres, a maternidade, a relutância em ser mãe, era uma prova não só de misoginia, como, sobretudo, de idiotice. Decidiu falar.

— No seu longo discurso, constantemente Vossa Majestade falou em multiplicar os bens e a riqueza. Eu entendo-o perfeitamente, já que prezo o meu próprio bem-estar, e jamais desistirei daquilo que o assegura. Acredito que uma mulher tem o direito de parir quando quer, e de não parir quando não quer. No entanto, não vou discutir esse assunto, já que é direito de cada um, afinal, ter as suas próprias convicções. Queria apenas ressaltar que recebo uma remuneração pela ajuda prestada às mulheres e que essa constitui uma fonte significativa dos meus rendimentos. Vivemos num mercado livre, Vossa Majestade, portanto, peço que não se intrometa nas fontes dos meus rendimentos, pois, como bem sabe, fazem parte do rendimento de todo o Capítulo e de toda a confraria. E a confraria reage muito mal a quaisquer tentativas de diminuir os seus rendimentos.

— Por acaso, está a tentar ameaçar-me, Neyd?

— De maneira nenhuma. Pelo contrário, ofereço grande ajuda e cooperação. Saiba, Belohun, que, caso ocorram motins em Kerack em consequência da exploração e do roubo por si praticados, caso seja ateado, falando efusivamente, o fogo da revolução, caso a turba revoltada bata às suas portas para o tirar daqui arrastado pela cabeça, destroná-lo e logo a seguir enforcá-lo num galho seco, então, poderá contar com a minha confraria, com os feiticeiros. Nós viremos socorrê-lo. Não permitiremos que as revoltas e a anarquia se espalhem, tão-pouco temos interesse nisso. Portanto, explore e multiplique a riqueza. Multiplique-a sossegadamente, e não atrapalhe os outros no mesmo empreendimento. É um pedido que lhe faço com fervor e um conselho que lhe dou de forma amigável.

Xander, irritado, levantou-se da cadeira e disse:

— Um conselho? Dá conselhos? Ao meu pai? O meu pai é um monarca! Os monarcas não ouvem conselhos, eles ordenam!

Belohun franziu o sobrolho e pediu:

— Senta-te, filho, e cala-te. E você, bruxa, ouça bem o que tenho para lhe dizer.

— Diga.

— Eu vou casar-me. A minha nova esposa tem dezassete anos. É um docinho, acredite, uma querida.

— Os meus parabéns.

— Faça-o por motivos dinásticos, pela preocupação com a sucessão e a ordem no país.

Egmund, que até então permanecera calado, ergueu a cabeça brusca-mente e rosnou:

— Sucessão? — Lytta apercebeu-se do brilho agoirento nos olhos dele. — Que sucessão? O senhor tem seis filhos e oito filhas, contando os bastardos! Isso não é suficiente?

Belohun acenou com a mão ossuda e disse:

— Está a ver? Está a ver, Neyd? Tenho de tratar da sucessão. Acha que poderia deixar o reino e a coroa a alguém que se dirige dessa forma ao próprio pai? Tenho a sorte de permanecer vivo e a governar. E pretendo governar ainda por muito tempo. Como eu dizia, vou casar-me...

— E?

O rei coçou a cabeça atrás da orelha e olhou para Lytta por baixo das pálpebras semicerradas.

— Caso... caso ela... isto é, a minha nova esposa, caso ela lhe peça para providenciar esses meios, proíbo que lhos forneça, pois sou contra esse tipo de coisas! São imorais!

Coral lançou um sorriso encantador e retorquiu:

— Fica então combinado: caso a sua florzinha peça algo desse tipo, juro que não lhe providenciarei nada.

— Agora, sim. — Belohun animou-se. — Veja como é fácil entendermo-nos. O mais importante é a compreensão e o respeito mútuos. Até na altura de discordar, é preciso fazê-lo com elegância.

— Isso mesmo — intrometeu-se Xander. Egmund irritou-se e praguejou em voz baixa.

— Já que estamos a falar em respeito e compreensão... — Coral enrolou uma madeixa ruiva no dedo e olhou para cima, para o teto — ... e em preocupação com a harmonia e a ordem no seu país, tenho uma informação para lhe dar, uma informação secreta. Sinto nojo de delatores, mas os vigaristas e os ladrões despertam em mim ainda mais nojo. Trata-se, no entanto, meu estimado rei, de grosseiros desgovernos financeiros. Há quem queira roubá-lo.

Belohun inclinou-se no trono e o seu rosto contraiu-se de modo assustador.

— Quem? Quero nomes!

## CAPÍTULO SEGUNDO

*Kerack, uma cidade no reino setentrional de Cidarís, localizada junto à foz do rio Adalatte. Outrora a capital do reino independente de K., que em consequência de uma má administração e da extinção da linhagem governante decaiu, perdeu importância e viu-se repartida e anexada pelos reinos vizinhos. Possui portos, algumas fábricas, um farol marítimo e aproximadamente dois mil habitantes.*

Effenberg e Talbot, *Encyclopaedia Maxima Mundi*, volume VIII

**V**elas brancas e multicoloridas eriçadas em mastros ocupavam a baía. Os grandes navios estavam fundeados no ancoradouro, protegido por um promontório e pelo quebra-mar. No porto, junto aos cais de madeira, embarcações de menor porte e aquelas verdadeiramente pequenas encontravam-se atracadas. Nas praias, os barcos, ou, melhor, os restos dos barcos, ocupavam quase todos os espaços vazios.

Nos confins do promontório, um farol marítimo feito de tijolos brancos e vermelhos, uma relíquia restaurada que lembrava os tempos élficos, era fustigado pela rebentação das ondas.

O bruxo esporeou o flanco da égua. *Plotka* ergueu a cabeça e abriu as narinas, como se também apreciasse o cheiro do mar trazido pelo vento. Apressada, lançou-se para percorrer as dunas na direção da cidade próxima.

A cidade de Kerack, a principal metrópole do reino com o mesmo nome, que se espalhava pelas duas margens da extensão estuarina do rio Adalatte, estava dividida em três zonas independentes e nitidamente divergentes.

O complexo portuário, as docas e o centro industrial e comercial, que abrangia os estaleiros e as oficinas, assim como as unidades de processamento, os armazéns e os depósitos, as feiras e os bazares, ocupavam a margem esquerda do Adalatte.

No lado oposto do rio, num terreno chamado Palmyra, havia barracas e cabanas que pertenciam à plebe e aos trabalhadores, casas e bancas de

pequenos comerciantes, matadouros, talhos, inúmeros estabelecimentos que abriam preferencialmente nas horas noturnas, já que Palmyra era também o bairro das diversões e dos prazeres proibidos. Geralt sabia que era um lugar onde se podia perder facilmente o saquitel com o dinheiro ou ser apunhalado abaixo das costelas.

Afastada do mar, na margem esquerda, atrás de uma paliçada alta de estacas grossas, situava-se a cidade propriamente dita de Kerack, constituída por um quarteirão de vielas estreitas que passavam por entre as casas de ricos mercadores e financeiros, feitorias, bancos, casas de penhores, oficinas de sapateiros e alfaiates, lojas grandes e pequenas. Também havia tabernas e locais de entretenimento de alto gabarito, inclusivamente estabelecimentos que ofereciam o mesmo tipo de serviços da região portuária de Palmyra, mas a preços muito mais elevados. O centro do quarteirão era constituído por uma praça quadrilateral onde ficava a sede da Câmara, o teatro, o tribunal, as finanças e as casas das elites urbanas. No centro da Câmara, via-se uma estátua do fundador da urbe, o rei Osmyk, alocada num pedestal e copiosamente emporcalhada. Tratava-se claramente de um embuste, já que a urbe litoral se formara muito antes de Osmyk lá chegar, só o diabo saberia vindo de onde.

Acima da cidade, numa colina, ficavam o castelo e o palácio real, com forma e feitio bastante incomuns. Era um antigo templo que tinha sido modificado e ampliado depois de os sacerdotes, desiludidos com a total falta de interesse da população, o terem abandonado. Do templo restou o campanário, uma torre com um enorme sino que o atual soberano de Kerack, o rei Belohun, ordenava que, diariamente, batesse ao meio-dia e, evidentemente, para irritação dos súbditos, à meia-noite.

O sino soou quando o bruxo entrou na cidade, movimentando-se por entre as primeiras casas de Palmyra.

Palmyra tresandava a peixe, roupa lavada e tascas. As vielas estavam cheias de gente, e o bruxo demorou imenso tempo a percorrê-las, o que lhe esgotou bastante a paciência. Respirou de alívio quando chegou, por fim, à ponte. Atravessou-a, entrando pela margem esquerda do Adalatte. A água cheirava mal e carregava um denso manto de espuma, efeito do trabalho de uma fábrica de curtumes localizada a montante do rio. Ali, ele já estava perto da estrada que levava à cidade cercada com a paliçada.

Deixou a água nas estrebarias situadas nos arrabaldes da cidade. Pagou adiantado por dois dias completos. Deu uma gorjeta ao cavaliço para o gratificar e garantir que *Plotka* seria bem tratada. Dirigiu-se à guarita. Entrar em Kerack só era possível depois de a transpor, submetendo-se ao controlo de

segurança e aos procedimentos pouco agradáveis que o acompanhavam. O bruxo ficava algo irritado com tal obrigação, mas compreendia o seu objetivo: os habitantes da urbe cercada pela paliçada não gostavam muito das visitas dos hóspedes da cidade portuária de Palmyra, sobretudo dos marinheiros forasteiros que lá desembarcavam.

Entrou na guarita, uma edificação de madeira com uma estrutura de toros e que, como sabia, comportava a casa da guarda. Achava saber o que o esperava. Mas estava enganado. Já visitara várias casas da guarda na sua vida, pequenas, de porte médio ou grande, em cantos do mundo próximos ou relativamente distantes, em regiões mais ou menos civilizadas, ou nem sequer minimamente civilizadas. Todas as casas da guarda fediam a mofo, suor, couro e urina, assim como a ferro e à graxa usada para a sua conservação. A casa da guarda em Kerack era parecida. Ou, melhor, seria parecida se os cheiros clássicos, característicos das guaritas, não fossem abafados por um odor pesado e sufocante a flatulência que enchia a divisão até ao teto. No cardápio do corpo da casa da guarda local dominavam, sem qualquer tipo de dúvida, plantas leguminosas, como ervilhas-forrageiras, favas e feijões.

A equipa era inteiramente feminina, constituída por seis mulheres sentadas à mesa, absorvidas na sua refeição vespertina. Todas as damas sorviam das tigelas de barro e engoliam gulosamente algo que flutuava num ralo molho de paprica.

A mais alta das sentinelas, que parecia a comandante, afastou a tigela e levantou-se. Geralt, que sempre acreditara que não havia mulheres feias, de repente sentiu-se obrigado a rever tal opinião.

— Pouse a arma na mesa!

Como todas as outras, a guarda tinha a cabeça rapada. Os pelos já estavam um pouco crescidos, formando na cabeça calva uma cerda desgrenhada. Debaixo do colete desabotoado e da camisa aberta, emergiam os músculos abdominais, que pareciam um enorme rolo de carne amarrado com fios. E, continuando as associações relacionadas com carnes, os bíceps da guarda eram do tamanho de presuntos suínos.

— Pouse a arma na mesa! — repetiu. — Está surdo?

Uma das suas subalternas, ainda debruçada sobre a tigela, ergueu-se levemente e soltou um flato veemente e prolongado. As suas companheiras desataram a rir-se à gargalhada. Geralt abanou-se com a luva. A guarda olhava para as suas espadas.

— Ei, meninas! Venham cá!

As «meninas» levantaram-se com relutância, espreguiçando-se.

Todas, tal como Geralt reparara, se vestiam de maneira descontraída, com roupas leves que permitiam sobretudo escancarar a sua musculatura. Uma delas usava umas calças curtas de couro que tinham sido rasgadas na linha da costura para que as coxas lá coubessem. A parte da vestimenta acima da cintura era constituída por faixas entrecruzadas. Disse:

— Um bruxo. Duas espadas. De aço e de prata.

Outra, alta e de ombros largos, como as demais, aproximou-se e, sem cerimónia, abriu a camisa de Geralt, agarrou na corrente de prata, tirou o medalhão e confirmou:

— Ele tem o símbolo. É a cabeça de um lobo com os dentes à mostra. Parece que é mesmo um bruxo. Deixamo-lo passar?

— De acordo com as disposições regulamentares, ele pode entrar. Afinal, entregou as espadas...

Geralt entrou na conversa, falando com uma voz calma.

— Pois, entreguei. Presumo que ambas permanecerão guardadas, não? E só poderão ser retiradas com a assinatura e o comprovativo que receberei agora?

As guardas cercaram-no, com as bocas abertas e os dentes à mostra. Uma mexeu-lhe, supostamente sem querer. Outra peidou-se veementemente e bufou:

— Eis o seu comprovativo.

— Bruxo! Mercenário! Matador de monstros! Entregou as espadas! À primeira! Submisso que nem um fedelho!

— Se o obrigássemos, até a piroca ele entregava.

— E então, meninas? Ordenamos-lhe que mostre a piroca?

— Vamos examinar a piroca de um bruxo!

— Chega — rosnou a comandante. — Que balda é esta, suas vadias? Gonschorek, venha cá! Gonschorek!

Da divisão vizinha apareceu um indivíduo careca, de meia-idade, que vestia uma capa parda e uma boina de lã. Logo que entrou, teve um acesso de tosse. A seguir, tirou a boina e começou a abanar-se com ela. Sem proferir sequer uma palavra, pegou nas espadas envoltas nos cintos e fez um sinal a Geralt para que o seguisse. O bruxo não se demorou. A flatulência começou a dominar em definitivo a mistura de gases que enchia a casa da guarda.

O compartimento a que acederam estava dividido por uma sólida grade de ferro. O indivíduo de capa enfiou uma enorme chave na fechadura e pendurou as espadas num cabide junto às outras espadas, sabres, facas e alfanges.

Abriu o registo esfarrapado e começou a rabiscar devagar e demoradamente, tomado por crises de tosse, respirando com dificuldade. Por fim, entregou a Geralt a ficha preenchida.

— Presumo que as minhas espadas estarão seguras aqui, guardadas e vigiadas.

O ofegante homem pardo que arfava com dificuldade fechou a grade e mostrou-lhe a chave. Geralt não ficou convencido. Qualquer grade poderia ser forçada, e os efeitos sonoros da flatulência das damas na guarita eram capazes de abafar o barulho de uma tentativa de assalto. No entanto, não tinha alternativa. Precisava de resolver em Kerack aquilo que precisava de resolver, e abandonar a cidade o mais depressa possível.

A taberna, ou, como dizia o leteiro, a hospedaria *Natura Rerum*, situava-se num edifício relativamente pequeno, mas com uma estética agradável. Em madeira de cedro, o telhado era íngreme e a chaminé, alta. Um alpendre a que se acedia subindo uma escada contornada por jarras de madeira com aloés ramalhosos enfeitava a frente da estrutura. Cheiros a cozinhados, principalmente de carnes grelhadas, vinham do estabelecimento. Os aromas eram tão saborosos que, de início, a *Natura Rerum* pareceu ao bruxo um éden, um jardim de delícias, uma ilha de felicidade, um retiro dos abençoados que emanava leite e mel.

Mas depressa descobriu que esse éden, assim como qualquer éden, era vigiado. Possuía o seu cérbero, um vigia que transportava uma espada flamejante. Geralt teve a oportunidade de o ver em ação. O cérbero, um homem de baixa estatura, musculoso, espantou, com a sua presença, um jovem magro do jardim das delícias. O jovem protestava, gritava, gesticulava, o que deixava o cérbero nitidamente irritado.

— Estás proibido de entrar aqui, Muus. Sabes bem disso; portanto, volta para trás. Não vou repetir.

O jovem recuou, afastando-se das escadas com rapidez para evitar que o outro o empurrasse. Como Geralt reparara, era precocemente careca. Os seus cabelos ralos e louros cresciam apenas a partir da altura do osso parietal, o que, de modo geral, causava uma impressão bastante desagradável. A uma distância segura, ele gritou:

— Eu estou a cagar-me para ti e para as tuas proibições! Não estão a fazer-me um favor! Não são os únicos por aqui, vou procurar a concorrência! Arrogantes! Arrivistas! O leteiro é dourado, mas as gáspeas dos vossos

sapatos ainda estão sujas de merda! E a minha estima por vocês resume-se a isso mesmo, a merda! E uma merda será sempre uma merda!

Geralt ficou preocupado. O jovem careca, apesar da aparência repugnante, vestia-se como um nobre. Talvez não fosse muito abastado, mas, de qualquer forma, era mais elegante do que ele próprio. Portanto, se a elegância fosse mesmo o critério decisivo...

— Por obséquio, posso perguntar para onde vai? — A voz fria do cérbero interrompeu o fio do pensamento de Geralt e confirmou a sua apreensão. — Trata-se de um local exclusivo — prosseguiu o cérbero, bloqueando o acesso às escadas com o próprio corpo. — Entende o significado dessa palavra? Isso quer dizer que o estabelecimento está fechado... para alguns.

— E porquê para mim?

— O hábito não faz o monge. — O cérbero, posicionado dois degraus acima do bruxo, olhava para ele do alto. — Você, forasteiro, é uma ilustração ambulante desse provérbio popular. O seu traje não é minimamente adequado. Talvez tenha outros objetos escondidos que possam causar uma boa impressão. No entanto, não me interessa. Repito, este é um local exclusivo. Não toleramos aqui pessoas vestidas como bandidos, nem armadas.

— Não estou armado.

— Mas age como se estivesse. Assim sendo, por obséquio, dirija-se a outro lugar.

— Espera, Tarp.

Um homem moreno que trajava um cafetã de veludo apareceu à porta do estabelecimento. Tinha sobrancelhas cerradas, olhar penetrante e nariz aquilino, e era bastante grande. O nariz aquilino repreendeu o cérbero.

— Parece que não fazes a mínima ideia de com quem estás a lidar, não sabes quem é esta pessoa que veio visitar-nos.

O silêncio demorado do cérbero comprovava que ele realmente não sabia.

— Geralt de Rívia. Um bruxo. Famoso por proteger e salvar a vida dos humanos. Na semana passada, aqui, nas redondezas, em Ansegis, salvou uma mãe e a sua filha. E há alguns meses, em Cizmar, falou-se muito de como foi ferido ao matar uma leucrota que devorava homens. Como podes proibir a entrada no meu estabelecimento a uma pessoa que exerce uma profissão tão nobre? Pelo contrário, fico muito contente em receber um convidado desse calibre. E considero uma honra o facto de ele me querer visitar. Senhor Geralt, a hospedaria Natura Rerum dá-lhe as boas-vindas e abre-lhe as suas portas. Sou Febus Ravenga, o proprietário deste modesto estabelecimento.

A mesa que lhe fora designada pelo *maître* estava coberta por uma toalha. Todas as mesas na Natura Rerum, a maior parte delas ocupadas, estavam cobertas por toalhas. Geralt não conseguia recordar a última vez que vira uma toalha numa taberna.

Embora curioso, não olhava para os lados, não querendo parecer provinciano, rústico. No entanto, uma cautelosa observação revelou um interior simples, mas decorado com gosto e sofisticação. Os fregueses — na sua grande maioria comerciantes e artesãos, pela sua avaliação — eram igualmente sofisticados, embora nem sempre se distinguissem pelo bom gosto. Havia também capitães de navios bronzeados e barbudos, assim como fidalgos que trajavam roupas multicoloridas. O aroma da taberna era agradável e sofisticado: cheirava a carne assada, alho, cominho e muito dinheiro.

Apercebeu-se de que alguém olhava para ele. Quando era observado, os seus sentidos de bruxo sinalizavam-no de imediato. Olhou pelo canto do olho, de modo discreto.

A pessoa que o observava, também de maneira muito discreta, imperceptível a um simples mortal, era uma jovem mulher de cabelos ruivos como o pelo de uma raposa. Fingia-se completamente absorvida na sua refeição, um prato que parecia muito apetitoso e aromático, mesmo a uma certa distância. Mas o estilo e a linguagem corporal não deixavam margem para dúvidas. Definitivamente, não a um bruxo. Poderia apostar a cabeça que era uma feiticeira.

O *maître* pigarreou, arrancando-o dos seus pensamentos e de uma repentina nostalgia. Cerimoniosamente e com orgulho, disse:

— Para hoje sugerimos chambão de vitela guisado com legumes, cogumelos e legumes. Lombo de borrego assado com beringelas. *Bacon* de porco com molho de cerveja e ameixas caramelizadas. *Carré* de javali assado, servido com maçãs em marmelada de ameixas. Peito de pato frito servido com repolho roxo e amoras. Lulas recheadas com endívias ao molho branco e servidas com uvas. Peixe-pescador assado na brasa com natas, servido com peras refogadas. E, como sempre, as nossas especialidades: coxa de ganso ao vinho branco com uma variedade de frutas assadas na chapa e pregado em tinta de choco caramelizada e servido com caudas de lagostim.

— Se aprecia peixe — não se sabia quando, nem como, Febus Ravenga surgira à mesa —, então recomendo o pregado. Está fresquinho. Logicamente, foi pescado hoje de manhãzinha. É o orgulho e a especialidade do nosso chefe.

— Traga-me um pregado desses em tinta, então. — O bruxo conseguiu vencer a vontade irracional de pedir várias refeições de uma só vez, consciente

de que seria considerado algo de mau gosto. — Agradeço a sua sugestão. A escolha já estava a tornar-se penosa.

— Qual é o vinho que o ilustre senhor gostaria de provar? — perguntou o *maître*.

— Por favor, selecione um que combine com o prato. Pouco sei sobre vinhos.

— Poucas pessoas sabem... — Febus Ravenga sorriu. — E menos ainda confessam esse tipo de ignorância. Não se preocupe, senhor bruxo, escolheremos o tipo de vinho e o ano. Não quero incomodá-lo, desejo-lhe uma boa refeição.

Contudo, o desejo não se cumpriria. Geralt nem sequer teve a oportunidade de descobrir que vinho fora escolhido para si. E naquele dia o sabor do pregado em tinta de choco também permaneceria um mistério.

De repente, a mulher de cabelos ruivos deixou de parte toda a discrição e atraiu o seu olhar. Sorriu. Geralt teve uma forte impressão de que se tratava de um sorriso irónico. Sentiu calafrios.

— O senhor é o bruxo conhecido como Geralt de Rívia?

A pergunta foi feita por um dos três indivíduos vestidos de preto que se aproximaram sorrateiramente da mesa.

— Sou, sim.

— Em nome da lei, o senhor está preso.

## CAPÍTULO TERCEIRO

*Que castigo tenho a temer, se mal algum faço?*  
William Shakespeare, *O Mercador de Veneza*

**A** defensora oficiosa de Geralt evitava olhá-lo diretamente nos olhos. Com uma obstinação digna de um processo mais proveitoso, consultava a pasta com os documentos, que eram poucos, exatamente dois. O bruxo pensou na possibilidade de a advogada estar a tentar decorá-los para proferir um esplêndido discurso de defesa. No entanto, tal parecia não passar de uma vaga esperança. A advogada finalmente ergueu o olhar e disse:

— Na prisão, o senhor agrediu dois companheiros de cela. Não acha que deveria explicar-me o motivo?

— *Primo*, recusei o assédio sexual deles. Simplesmente, não queriam entender que a minha recusa era definitiva. *Secundo*, gosto de agredir pessoas. *Tertio*, é uma mentira. Eles magoaram-se sozinhos, atirando-se contra as paredes, para me denegrir.

Falava devagar e friamente. Depois de uma semana passada na prisão, sentia-se completamente indiferente.

A advogada de defesa fechou a pasta. Logo a seguir, abriu-a de novo, ajeitou o penteado estruturado e suspirou.

— Ao que parece, os agredidos não vão apresentar queixa. Portanto, foquemo-nos na acusação da procuradoria de justiça. O advogado de acusação vai acusá-lo de um grave delito, que pede uma penalidade severa.

*De que outra forma poderia ser?*, pensou, contemplando a beleza da

advogada. Imaginava a idade com que teria entrado na escola das feiticeiras e em que se teria formado.

As duas academias de feiticeiros em atividade — a masculina em Ban Ard, a feminina em Aretusa, na ilha de Thanedd —, além dos formandos e das formandas, também produziam resíduos. Apesar da existência de um poderoso filtro, na forma de exames de acesso às academias, que permitiam em princípio captar e eliminar casos perdidos, só nos primeiros semestres é que realmente eram selecionados e revelados aqueles que tinham conseguido camuflar-se, indivíduos para quem o ato de pensar constituía uma experiência penosa e perigosa, latentes ignorantes, preguiçosos e atrasados mentais de ambos os sexos que não tinham qualquer perspectiva nas escolas de magia. No entanto, a causa do problema era o facto de pertencerem à linhagem das pessoas abastadas ou consideradas importantes por diversos motivos. Depois de eliminados da academia, era necessário fazer algo com essa juventude problemática. Os rapazes expulsos da escola em Ban Ard não causavam grandes problemas, seguiam ora para a diplomacia, ora para as forças armadas — a frota e a polícia esperavam por eles. Já os mais ignorantes entravam na política. O resíduo mágico, formado pelo sexo feminino, era apenas em aparência mais difícil de ser empregado. Apesar de expulsas, as raparigas já haviam transposto as portas da escola de feiticeiras e experimentado, em determinado grau, a magia. E a influência das feiticeiras sobre os soberanos e sobre todas as esferas da vida política e económica era demasiado grande para que pudessem continuar inativas. Portanto, providenciava-se para elas um porto seguro. Eram direcionadas para o sistema de justiça. Tornavam-se advogadas.

A defensora fechou a pasta, abriu-a de novo logo a seguir e disse:

— Aconselho-o a confessar a culpa, assim poderemos contar com uma pena mais branda...

— Confessar o quê? — questionou o bruxo.

— Quando o juiz perguntar se o senhor assume a culpa, irá confirmar. A confissão da culpa será considerada uma atenuante da pena.

— Então, como é que pretende defender-me?

A advogada fechou a pasta como se fosse a tampa de um caixão.

— Vamos. O tribunal está à nossa espera.

O tribunal esperava. Da sala de audiências tinham acabado de retirar o delinquente que entrara antes de Geralt e que, aos seus olhos, não parecia muito feliz.

Na parede pendia um escudo salpicado com fezes de moscas. Nele, via-se o brasão de Kerack, um cerúleo golfinho *nageant*. A mesa dos juizes ficava

abaixo do brasão. Junto dela, estavam sentados três indivíduos: um escrivão magricela, um desbotado assessor de juiz e a juíza, uma senhora com aparência e feições sérias.

O advogado de acusação, que exercia a função de procurador, ocupava a mesa à direita dos juízes. Tinha um ar sério, suficientemente sério para não se querer deparar com ele num beco escuro.

Do lado oposto, à esquerda dos juízes, encontrava-se o banco dos réus, o lugar para ele assinalado.

Os acontecimentos que se seguiram tiveram um desfecho rápido.

— Geralt, nomeado Geralt de Rívia, bruxo de profissão, é acusado de malversações, de apreender e se apropriar de bens pertencentes à Coroa. Agindo em conluio com outras pessoas, as quais corrompia, o réu faturava em excesso os valores dos recibos que ele próprio emitia pelos serviços prestados, com o objetivo de arrecadar o *superavit*, o que resultava em prejuízo para o tesouro do Estado. A prova disso é uma denúncia, *notitia criminis*, que a procuradoria anexou às atas. Essa denúncia...

A expressão desanimada e o olhar desatento da juíza comprovavam que a senhora estava ausente, mergulhada nos seus pensamentos, e que assuntos e problemas completamente distintos a afligiam: roupa para lavar, filhos, a cor das cortinas, a massa do bolo de papoila já amassada, as estrias no traseiro que pressagiavam uma crise conjugal... O bruxo aceitou com humildade o facto de ser menos importante para ela e de não conseguir concorrer com questões desse porte.

— O crime cometido pelo réu — prosseguiu o advogado de acusação —, não só arruína o país, como também desestabiliza a ordem social, subvertendo-a. A ordem judicial reivindica...

— O tribunal precisa de tratar a denúncia anexada às atas — interrompeu a juíza — como *probatio de relato*, prova testemunhal baseada em relatos prestados por terceiros. A procuradoria consegue apresentar outras provas?

— De momento... faltam... outras provas... O réu, como já foi comprovado, é um bruxo, um mutante que vive à margem da sociedade humana, ignorando os direitos humanos e colocando-se acima deles. Na sua profissão criminosa e sociopata, convive com o mundo dos criminosos e com os inumanos, inclusive com raças tradicionalmente inimigas da raça humana. Faz parte da natureza niilística de um bruxo desrespeitar a lei. Egrégio Tribunal, no caso de um bruxo, a falta de provas é a melhor prova... Comprova a perfídia e...

— O réu... — A juíza estava claramente desinteressada naquilo que a falta de provas ainda comprovava. — O réu confessa a culpa?

— Não confesso. Sou inocente, não cometi nenhum crime. — Geralt ignorou os sinais desesperados da advogada.

Possuía alguma experiência, pois já lidara com o sistema judicial. Familiarizara-se também, de forma superficial, com a literatura sobre o assunto.

— Estou a ser acusado por causa de preconceitos...

— Protesto! — gritou o advogado de acusação. — O réu está a proferir um discurso!

— Protesto recusado.

— ... por causa de preconceitos contra a minha pessoa e a minha profissão, isto é, por causa de *praeiudicium*. Em princípio, *praeiudicium* implica, *a priori*, a falsidade. Além do mais, estou a ser acusado com base numa única denúncia anónima. *Testimonium unius non valet. Testis unus, testis nullus. Ergo*, isso não constitui uma acusação, mas uma pressuposição, isto é, *praesumptio*. E uma pressuposição deixa dúvidas.

— *In dubio pro reo!* — concordou a advogada de defesa. — *In dubio pro reo*, Egrégio Tribunal!

A juíza bateu o martelo com ímpeto, despertando o desbotado assessor de juiz.

— O tribunal decide pelo pagamento de uma fiança judicial no valor de quinhentas coroas de Novigrad.

Geralt suspirou. Estava curioso por saber se os companheiros de cela já teriam recuperado e chegado a alguma conclusão após o ocorrido. Ou será que seria preciso sová-los e espancá-los outra vez?